



Identidade! é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## Capuchinhos Lombardos no Maranhão

## Lombardy Capuchins in Maranhão

**Ênio José da Costa Brito**

Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em *Ciência da Religião* da PUC-SP. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)” e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Contato: [brbrito@uol.com.br](mailto:brbrito@uol.com.br)

### Resumo:

Esta *Nota Bibliográfica* visita a dissertação de Mestrado de Valdália Alves de Andrade, intitulada *Capuchinhos Lombardos no Maranhão: suas práticas comunicativas na cidade de Imperatriz (1922-1979)*. Nela, a autora analisa as intervenções da Igreja Católica frente ao processo de povoamento da região, para compreender como os frades capuchinhos articularam a comunicação de forma a difundir o catolicismo e as transformações ocorridas ao longo do tempo no âmbito da ação pastoral da Igreja.

**Palavras-chave:** Missionários capuchinhos. Igreja Católica. Comunicação cultural. Memória.

### Abstract:

This bibliographic note reviews the Master's degree thesis of Valdália Alves de Andrade, entitled “The Lombardos Capuchins in Maranhão: communication practices in the city of Imperatriz (1922-1979)”. The author analyzes the interventions of the Catholic Church in the settlement process in the region. The goal is to understand how the Capuchin articulated the communication in order to spread Catholicism and the transformations that took place over time in the context of the Church pastoral action.

**Keywords:** Capuchins missionaries. Catholic Church. Cultural Communication. Memory.

## Introdução

*Capuchinhos Lombardos no Maranhão: suas práticas comunicativas na cidade de Imperatriz (1922-1979)* é o título da dissertação de mestrado de Valdália Alves de Andrade, defendida no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo<sup>1</sup>.

Nesta *Nota Bibliográfica*, num primeiro momento partilho algumas anotações feitas por ocasião da arguição e dos encontros com a mestranda, em seguida teço breves comentários.

<sup>1</sup> A defesa ocorreu no dia 25 de maio de 2017. Participaram da banca as doutoras Jerusa de Carvalho Pires Ferreira (Orientadora), Caroline Paschoal Sotilo e Ênio José da Costa Brito.

Andrade acolheu o desafio de resgatar memórias visuais, que retratam as vozes capuchinhas excluídas pela historiografia em Imperatriz, visando à construção de uma memória “mais acertada” de suas estratégias comunicativas. Nas palavras da autora:

A proposta de investigação aqui delineada constitui-se por um permanente diálogo entre a bibliografia específica e as fontes que são, em sua maioria, *as raras demonstrações documentais coletadas nos arquivos*<sup>2</sup> (grifo nosso)<sup>3</sup>

Apresenta um cuidadoso panorama das missões no Amazonas (p. 25s), como pré-requisito para narrar a trajetória das missões religiosas capuchinhas em Imperatriz, dando a conhecer o processo de distribuição e o modo de atuar e expandir das ordens religiosas na Amazônia ao longo dos séculos XVII e XVIII. “Ao longo do Amazonas, existiam 19 aldeias dos Jesuítas, 15 dos Capuchinhos, 12 de Carmelitas e 5 de Mercedários. Muitas receberam nomes portugueses e foram elevadas a vilas, no período de 1600-1700” (p. 28).

Muito positivo e desafiador ter trabalhado com duas temporalidades: Tridentina (1545-1563) e Vaticano II (1962-1965); duas concepções de Igreja: igreja Sociedade Perfeita e igreja Povo de Deus; duas perspectivas pastorais: visão sacramentalista e visão de serviço.

No conjunto, a pesquisa oferece uma contribuição significativa para a História Eclesiástica e para a História Geral do Maranhão. Sabemos da importância de uma História Regional para a elaboração de um História Geral.

Além disso, não se tem muitos estudos sobre as atividades dos capuchinhos no Brasil.

O trabalho adere a fontes sistematizadas em documentos e periódicos ilustrados produzidos pela Ordem e obtidos nos Arquivos do Museu da Igreja do Carmo na capital, São Luís. Outro suporte comunicacional metodológico são fontes orais que ao narrarem experiências ligadas ao passado de Imperatriz, trazem à luz dimensões das marcas capuchinhas na cidade (p. 6).

### **Revisitando a estrutura da dissertação**

A Introdução traz os tópicos essenciais, a saber, motivação pessoal, importância do tema, objeto de estudo, delimitação, hipótese, referencial teórico e metodologia de trabalho.

Na apresentação do objeto de estudo, a autora funde o objeto material - os atos de comunicação - e o formal - explicitar a correlação entre linguagem, cultura e memória. “A correlação entre linguagem, cultura e memória, considerando a descrição dos atos de comunicação utilizados pelos frades capuchinhos para transmitir os conceitos básicos da fé em tempos de sacralização da sociedade brasileira” (p. 11).

---

<sup>2</sup> ANDRADE, Valdália Alves de. *Capuchinhos lombardos no Maranhão: suas práticas comunicativas na cidade de Imperatriz (1922-1979)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017, p.14.

<sup>3</sup> Passamos a indicar apenas as páginas da Dissertação, que se encontra disponível na Biblioteca Virtual da PUCSP.

A hipótese de trabalho, muito bem comprovada tem uma formulação clara: “Os atos de informar de uma ordem, num contexto amplo da cultura, memória e tempo constituíram-se em exercícios que auxiliam a pequena vila a superar o estigma de lugar inacessível” (p. 11).

Sente-se falta de uma explicitação das questões que irá responder e dizer uma palavra sobre a pesquisa: os percalços, as estratégias encontradas, informações que tem peso na recepção do leitor.

No capítulo primeiro intitulado, *Caminhos para a implantação de uma ordem missionária no Brasil- percursos que levam a Imperatriz* situam bem o leitor no espaço e no tempo. No fundo, apresenta os caminhos que serão trilhados na dissertação realizando uma “contextualização histórica, de modo a distinguir a cidade - intercalada no âmbito amazônico – para onde foram enviados os missionários no intuito de legitimar as conquistas europeias” (p. 16).

Chamo atenção para um ponto importante: neste capítulo, a autora apresenta os pré-requisitos para se narrar a trajetória das missões capuchinhas em Imperatriz. São eles: ter presente que o missionário é o instrumento privilegiado da política de Estado para a região Amazônica (p. 27); conhecer o processo de distribuição e o modo de atuar e expandir das ordens religiosas na Amazônia nos séculos XVII e XVIII (p. 26) e olhar a cidade de Imperatriz como lugar de memória produtora de sentidos que extrapolam o vivido, acumulando vestígios do que um dia foi através destas lembranças cristalizadas (p. 59).

Andrade ao longo do capítulo dá

Conta da diversidade do processo de expansão das ordens religiosas no Amazônia do século XVI ao XIX. Sob a liderança dos jesuítas, exerceram o controle da Igreja do Brasil por meios do aperfeiçoamento da capacidade comunicativa entre os habitantes das colônias, implementando suas práticas no intuito de levar a fé cristã católica a um novo continente (p. 52).

*Primórdios da Missão Capuchinha no interior do Maranhão* é o título do segundo capítulo, nele se esclarece as estratégias empregadas para a implantação de um catolicismo romanizado.

Este projeto pastoral da Igreja implantado na região tem como características: o protagonismo do clero, os leigos são convocados a colaborar; a Igreja é compreendida como “Sociedade Perfeita”. Como a autocompreensão da Igreja determina sua concepção missionária, o axioma eclesiológico dominante do período era “extra Ecclesia nulla salus”.<sup>4</sup>

Entende-se, então, a preocupação dos missionários com relatórios e prestações de conta. A título de exemplo apontamos os *Registros do Mapa Semestral da Freguezia de Santa Teresa* sobre a contabilização dos sacramentos no segundo semestre de 1927, eles revelam “que foram administrados 91 batizados e 3695 comunhões somente na matriz. Número considerável, uma vez

---

<sup>4</sup> Este axioma eclesiológico já fora condenado em 1945 por Pio XII,

que até o início da década de 1950, a população da cidade chegou a pouco mais de dez mil habitantes” (p. 71).

O capítulo responde as seguintes questões: o que favoreceu a Missão na Amazônia e a fixação dos missionários italianos em Terras Maranhenses; o que identifica os capuchinhos lombardos na sua prática evangelizadora numa cidade em transformação e como os capuchinhos lombardos venceram os inúmeros obstáculos para transmitir a palavra em Imperatriz?.

Para respondê-las Andrade recorreu a fontes primárias, oriundas da Igreja Católica e a entrevistas<sup>5</sup>.

A análise cuidadosa destas fontes revela que

O projeto inicial, abrangendo o Norte e o Nordeste do Brasil, campo específico da presença e do trabalho dos capuchinhos lombardos, incluía outros objetivos e interesses muito amplos e diversificados, disseminados nos Estados do Maranhão, Pará, Amazonas, Piauí e Ceará.

A seguir elenca os projetos e obras das quais os capuchinhos se ocupavam:

A administração das tradicionais missões Populares, constantemente solicitadas pelos bispos sem padres suficientes para atender as populações católicas espalhadas por um território de mais da metade do Brasil; a fundação das Missões Indígenas na Alta Amazônia para proteger as fronteiras, como pretendia o governo brasileiro; a fundação da Missão Apostólica em sentido jurídico, para organizar novas Igrejas locais, como desejava a Santa Sé e, finalmente a velha aspiração da Ordem, por tanto tempo barrada pela política do Padroado português, de formar no Brasil Capuchinhos nativos (p. 64).

Toda essa atividade ocorre no âmbito de um processo de Romanização, que vem sendo gradualmente implantado em todo o território nacional.

O tema da romanização esconde várias armadilhas. Andrade as evita e bem, pois, recorre a uma ótima bibliografia e não transforma o conceito numa categoria universalizante, o que ocorre, com frequência, em muitas pesquisas. No Brasil, a romanização se deu tardiamente, com fortes marcas locais, isto é, em alguns lugares foi mais intensa do que em outros.

Ao fazer menção às obras arquitetônicas (p. 48) convém lembrar que obras arquitetônicas são marcadores históricos do espaço público, que ajudam na construção da memória pública. Em Imperatriz, elas dão visibilidade à Igreja. A “memória da Igreja” ocupa o espaço público, ajudando a plasmar a “alma católica”.

No capítulo terceiro, *Criação da Prelazia de Carolina: Imperatriz despede-se de Grajaú*, volta-se para uma nova temporalidade: a do Vaticano II, da Igreja Povo de Deus que tem como protagonista o leigo, desvelando as novas práticas pastorais e comunicativas do Povo de Deus. Nas palavras da autora: “pontuaremos os fatores que contribuíram para modificar a mentalidade e o

---

<sup>5</sup> As entrevistas serão mais exploradas no terceiro e quarto capítulo.

modo de viver da presença franciscana em Imperatriz, já caracterizada com anseios de renovação do Concílio Vaticano II” (p. 94).

A pesquisa resgata as novas práticas pastorais realizadas pelos capuchinhos influenciados pelos ventos renovadores do Concílio Vaticano II. Esta renovação pastoral se dá num momento importante da criação de uma nova prelazia de Carolina, apartada da Arquidiocese de São Luís e entregue aos capuchinhos lombardos.

O custódio provincial, frei Adolfo Giovanni, agradece a Nunciatura Apostólica do Brasil.

Excelentíssimo Sr. Núncio apostólico, comuniquei hoje aos religiosos desta Custódia a alegre notícia de criação da nova Prelazia de Carolina, confiada à nossa Província de Milão. A notícia enche de alegria, não só o coração dos religiosos que desde tantos anos trabalham naquela zona, mas também das populações que pertencem à nova Circunscrição Eclesiástica porque poderão ter, pelo número aumentado dos missionários, uma assistência religiosa e moral mais frequente e eficaz<sup>6</sup>.

A pesquisa passa a mostrar novas práticas pastorais à luz das orientações conciliares. Os frades recorrem a novos canais de expressão para conscientizar as comunidades. Nessa nova dinâmica, o método ver julgar e agir – apresentado pela autora na página 118 -, ajuda no processo de conscientização.

Cedo as comunidades tomam consciência do problema da terra, questão que retorna várias vezes no texto quando faz menção: a grilagem (p. 104), a terra para plantar (p. 115), a Comissão Pastoral da Terra (p. 115) e a propriedade rural (p. 117). Problema que não é só da região, mas de todo o Maranhão.

A terra sempre foi um problema, em 1850, com a Lei da Terra proibindo a aquisição de terras devolutas, proibição que afetou, especialmente, os ex-escravos, a questão se agravou<sup>7</sup>.

No Maranhão, os conflitos relacionados com a terra se ampliaram quando José Sarney assumiu o Governo do Estado (1966-70) e mais tarde a Presidência do Brasil (1985-1990). O plano do seu governo “não nasceu das necessidades do Brasil e menos ainda expressou os anseios do povo trabalhador” (p. 200). Quando governador editou a Lei das Terras (1968-69) para o Maranhão,

---

<sup>6</sup> Resposta ao Prot.11.000 de 7/1/1958. Arq. Prov. Tombo da Custódia A/1/7: fl.55-55v.

<sup>7</sup> Com relação à lei da terra, o texto da lei, preparado por Vasconcelos, visava o tráfico sim, mas principalmente, o trabalho do africano livre, que viria para o Brasil. “*Em face do abolicionismo internacionalista*”, de 1839 em diante, e das revisões dos tratados anglo-brasileiro, entre 1841 e 1844, o projeto da Lei de Terras foi, enfim, uma tentativa bem articulada de institucionalizar o transplante de mão-de-obra barata para o Brasil, incluídos aí africanos, que se supunham cultural e biologicamente acondicionados para a exploração do trabalho em áreas tropicais de fronteira aberta- nesse sentido, a substituição do tráfico negreiro não implicava a instituição do trabalho livre no Brasil à maneira do que havia na Europa, como o fazem crer discursos posteriores emitidos em outro contexto, após a supressão efetiva do contrabando de africanos em 1850 (PARRON, Tâmis. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.218-129).

provocando uma enorme exclusão social e favorecendo o início do processo de ocupação das terras por grandes e médios empreendimentos agropecuários<sup>8</sup>.

O último capítulo intitulado, *Imperatriz pelo viés da memória: recompondo épocas*, dá a conhecer um pouco da cidade seguindo as marcas das sandálias franciscanas. Nele resgata a memória, memória coletiva daqueles que conheceram e conviveram com os frades, relembra as festas e dá uma ênfase particular a relação visceral da população com o rio Tocantins.

Apresenta o rio como

Um caminho fluvial – onde se realizam manifestações religiosas católicas, que relembram a origem da cidade – e como espaço de inspiração, agindo diretamente no cotidiano de espectadores, os quais multiplicam suas narrativas reproduzidas em produções poéticas (p.121).

O deslocamento realizado pela autora dá vida ao texto, no capítulo terceiro revisitara os “arquivos mortos”, agora dá vozes aos “arquivos vivos”, pessoas que conviveram com os frades e viram a cidade crescer. Vozes de moradores são ouvidas, como a de Franklin, que relembra a figura de Fr. Epifânio.

Teria sido o fundador do campo de futebol onde depois foi construído o estádio que leva o seu nome. Foi professor do primeiro ginásio da cidade, o Bernardo Sayão. E no campo religioso, foi um missionário e construtor de muito fôlego, sempre expandindo as atividades da Igreja para os novos bairros que iam surgindo. Diversos templos católicos de Imperatriz, e também o Centro de Treinamento Anajás, foram construídos por ele, com o apoio e o incentivo de Dom Marcelino Bicego, também capuchinho, que bispo de Carolina (mas residia em Imperatriz) até a sua morte, em 1980 (Entrevista realizada em 19/02/2016).

Dom Marcelino é outra figura muito lembrada pelo entrevistado, mesmo sem ter convivido com ele, Franklin conservou muitas lembranças das suas ações, tanto no campo religioso como social

Por incrível que possa parecer, o frade capuchinho que mais marcou minha vida não o conheci pessoalmente: o bispo Dom Marcelino Bicego. Ouvi muitos casos de pessoas que conviveram com ele. Tive acesso aos seus escritos em jornais e cartas pessoais a seminaristas, padres e leigos, além de vários outros documentos dele e sobre ele. Foi um homem admirável; um homem que tinha um amor extremo ao próximo e uma simplicidade e um desapego sem tamanho ao que é efêmero. Além, de um grande intelectual, um sábio. Um verdadeiro pastor que amou não apenas seu rebanho, mas toda a humanidade. Por sua solidariedade aos camponeses que vivam em permanente conflito com os grileiros, seus passos eram vigiados pelo Exército, mas mantinha-se sereno e sem temor. (Entrevista realizada em 27/04/2015).

O rio Tocantins, ainda hoje, é uma presença viva na cidade que cresceu de costas para ele, tratado de forma simbólica como fundo de quintal e extensão das casas que compõem suas margens (Cf, p.129).

---

<sup>8</sup> Para uma visão mais abrangente do problema da terra no Maranhão, ver CARNEIRO, Marcelo Sampaio. *Terra, trabalho e poder: conflito e lutas sociais no Maranhão contemporâneo*. São Paulo: Annablume, 2013.

As águas do rio Tocantins refletem a religiosidade dos moradores católicos da cidade de Imperatriz. Desde que a imagem de Santa Teres d'Ávila aportou nas margens do rio, há mais de cem anos, é preservada como ícone religioso que representa a fé dos habitantes deste espaço. No dia 15 de outubro (data da sua morte), a doutora da Igreja é conduzida pelas águas tocantinas a bordo de um barco que se transforma em palco de crenças, dramatizações e memória, estruturado em grande cortejo fluvial de embarcações variadas (p. 130-131).

## Considerações finais

Trabalhar com fontes orais é sempre um desafio para qualquer pesquisador. Andrade não só superou as dificuldades como soube colher o que havia de melhor nos depoimentos que fez ao longo de dois anos.

A riqueza destes depoimentos levou a autora a dar uma ênfase toda especial a memória, memória coletiva na esteira de Holbwachs. A citação abaixo confirma (p. 127)

[...] O que acontece é que na realidade nós não ficamos jamais sós. E para isso não é necessário que os outros estejam conosco, distinguindo-se materialmente de nós, porque carregamos sempre conosco e em nós uma quantidade inconfundível de pessoas.<sup>9</sup>

Esta tessitura entre memória, oralidade e escrita, acabou abrindo para futuros pesquisadores várias veredas a serem trilhadas. Os arquivos organizados por Fr. Rogério guardam memórias que merecem ser exploradas. Andrade relata: “ao adentramos na sala dos arquivos preservados por Fr. Rogério, vimos ali uma coleção de signos do passado” (p.142). Muitos destes signos não foram estudados.

Ao explorar as narrativas, a autora pode (re) constituir a memória coletiva, recomposição mágica do passado e mostrou aos leitores entre outras coisas como os missionários italianos “figuras de origem europeia” (p. 9) articularam a comunicação de forma a difundir o “catolicismo romano” numa cidade inóspita; como o Concílio Vaticano II criou condições históricas para uma reestruturação da pastoral, que passou a buscar respostas para anseios de homens e mulheres, marcados por uma realidade de pobreza e exclusão e como a escuta de alguns entrevistados possibilitou remover a história recuperando a atuação dos capuchinhos na região.

Digno de nota, as considerações tecidas sobre o regime das águas, que se faz presente no imaginário e na vida dos habitantes de Imperatriz. Esta compreensão da pesquisadora nos ajuda “a perceber que não é possível compor histórias de povos e culturas gestadas ou habitadas em ambientes amazônicos sem vislumbrar a pujante força gerenciadora do ‘líquido sagrado’ na constituição de saberes e religiosidades locais” (p. 134).<sup>10</sup>

<sup>9</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 92.

<sup>10</sup> Para Pacheco “A água é a grande metáfora da vida, pois dela, nele ou por ela emanam, correm e pode ser concretizadas todas as necessidades humanas, intelectuais e espirituais” PACHECO, Agenor Sarraf. *Em el corazón de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidade no regime das águas marajoaras*. Tese (Doutorado em História Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

## Referências

ANDRADE, Valdália Alves de. *Capuchinhos lombardos no Maranhão: suas práticas comunicativas na cidade de Imperatriz (1922-1979)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio. *Terra, trabalho e poder: conflito e lutas sociais no Maranhão contemporâneo*. São Paulo: Annablume, 2013.

PACHECO, Agenor Sarraf. *Em el corazón de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidade no regime das águas marajoaras*. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

PARRON, Tâmis. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.